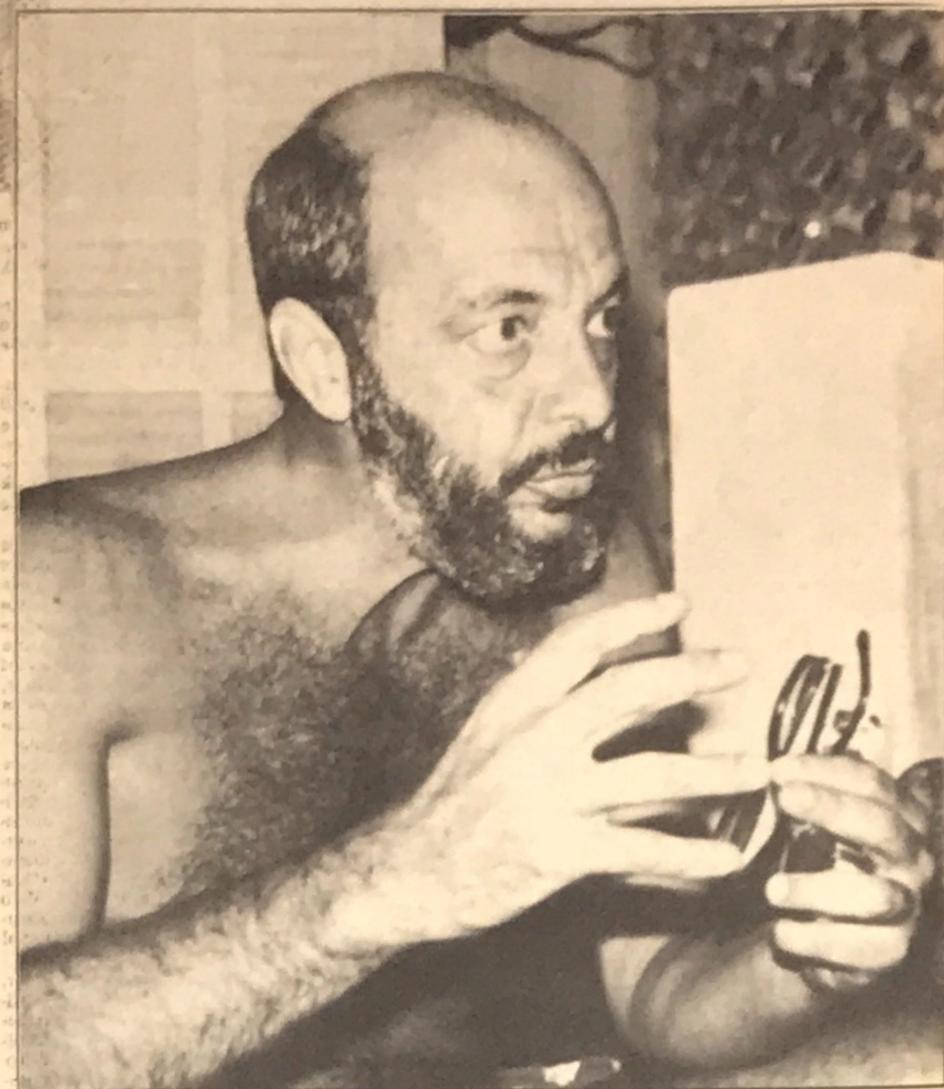
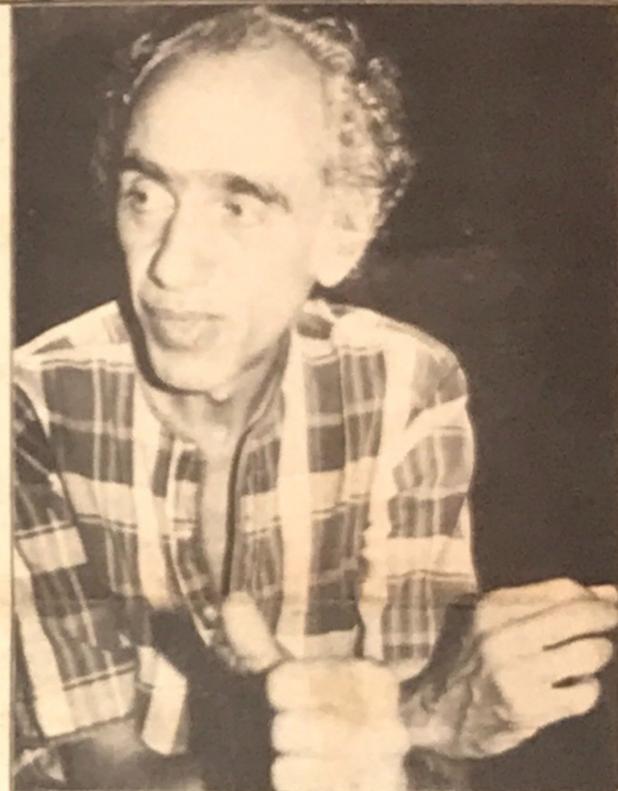


# A Terra Queima, uma tragédia em carne viva



"A Terra Queima", documentário de 55 minutos, acaba de ganhar o Prêmio Margarita de Prata, da CNBB, junto com "O Evangelho Segundo Teotônio". Dirigido por Geraldo Sarno, que aparece ao lado e em plena filmagem, tomando o depoimento de lavradores, um dos quais acabou conduzindo a entrevista, colocando o cineasta em plano secundário, o filme mostra que na seca de 1979/80 o calor do sol, a falta d'água e a luta pela propriedade fizeram arder a terra e os sentimentos dos homens. Foi Herbert de Souza (foto a direita), roteirista, quem propôs a Geraldo Sarno a realização do filme, que vai ser distribuído ao mundo pela PNU.



Exatamente 20 anos depois de *Viramundo* (1964), o cineasta Geraldo Sarno realizou *A Terra Queima*, documentário de 55 minutos sobre a questão da terra, a seca e a fome no Nordeste, e que acaba de ganhar (junto com *O Evangelho Segundo Teotônio*, de Vladimir Carvalho) o prêmio Margarita de Prata da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). O filme surgiu a partir de um contato de Herbert José de Souza, o Betinho (autor do argumento junto com Geraldo Sarno) com o Departamento de Cinema da ONU, que tinha um projeto intitulado "Pequeno Projeto - Agenda 2". Esse projeto previa a realização de 10 filmes que seriam feitos por cineastas de países representantes do Sul (Malásia, Antígua, Sri Lanka, Índia, Nepal, Bangladesh, Senegal, Tunísia, Equador, Brasil) e canais de televisão representantes do Norte (Suécia, Japão, Finlândia, República Federal Alemã, Itália, França, Nova Zelândia, Austrália). Os filmes enfocariam a realidade dos países subdesenvolvidos, utilizando diretores e técnicos dos próprios países a serem documentados. Depois de participar, em 1982, de um seminário no México, onde foram discutidas as linhas gerais dessas produções, Herbert de Souza - ex-integrante da UNE-Volante e atualmente diretor do Ibase (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas) - propôs a Geraldo Sarno a realização do filme a ser feito no Brasil.

"Ao conversar com ele - conta Herbert de Souza - nós já estávamos diante de uma situação que se destacava na época: a questão da terra. Ao se colocar essa questão surgem dois elementos: a dramaticidade do problema da terra no Nordeste na época da seca e o fato de Geraldo Sarno ser um cineasta da Bahia. Ele realizou muitos documentários sobre o Nordeste. Esses dois fatores combinados levaram-nos a situar o filme no Nordeste". Geraldo Sarno diz que o projeto "ficou mais de um ano amadurecendo, sendo discutido. Até que num determinado momento constatamos que esse problema estava se apresentando de maneira dramática, trágica, no Nordeste".

## Nova visão

Filmado nos meses de janeiro, fevereiro e março de 1984, entre o interior baiano e Fortaleza, *A Terra Queima* é uma produção da Sarué Filmes (produtora de Geraldo Sarno) para a Sociedade Rádio Canadá. A narração é de Francisco Milani, fotografia de Pedro Farkas e José Antônio Ventura, o som direto de Carlos Del Pino e Dudu Ferreira e a montagem de Walter Goulart e Severino Dadá. O filme será distribuído mundialmente pela ONU. No Brasil, estão previstas diversas exposições, principalmente para as comunidades de base do Nordeste.

Após uma introdução histórica sobre a colonização do Nordeste, *A Terra Queima* refere-se à terrível se-

ca ocorrida entre os anos de 1979 a 1980, período em que "o calor do sol, a falta d'água e a luta pela propriedade fez arder a terra e os sentimentos dos homens". Documentando a realidade nordestina há mais de 20 anos (*Dramática Popular*, *Vitalino/Lampião*, *Jornal do Sertão*, *O Engenho*, *Casa de Fariña*, *Viva Cariri*, *Segunda-feira*, além de *Coronel Delmiro Gouveia*, misto de ficção e documentário), Geraldo Sarno afirma que ele e os habitantes da região mudaram: "Em meus filmes anteriores eu procurei documentar o passado do Nordeste, uma cultura popular que estava ou está num processo de transformação ou de extinção. *A Terra Queima* documenta a atualidade. Acho que o Nordeste mudou muito. Essa minha nova visão talvez seja fruto de outra perspectiva, eu estou buscando outras coisas. O nordestino que está sendo documentado nesse filme não é o mesmo que está ligado a uma tradição popular. Há uma certa diferença. Enquanto naqueles filmes eu estava buscando sobretudo o cantador popular, o gravador popular, neste estou documentando vaqueiros e agricultores que atravessam um processo de compreensão de sua realidade, discutindo mais concretamente isso, vivendo numa solidariedade maior entre eles. A documentação do trabalho sindical, as organizações sindicais - eu nunca havia documentado isso. E também na organização indígena da luta pela terra, representada pelos índios Pankararés, que eu considero um documentário dentro do documentário. A perspectiva é outra. Acho que o Nordeste mudou, neste sentido, para mim. Do ponto de vista social e econômico não podemos detectar uma mudança para melhor, mas eu acho que a disposição de luta, a mentalidade de resistência não estão vencidas, até aumentaram. Eu mudei, a minha visão também mudou, eu me transformei - antes, durante e depois da realização do filme".

A construção de *A Terra Queima* está estruturada do litoral para o sertão, terminando com o retorno ao litoral. Geraldo Sarno explica: "Nas discussões entre eu e o Betinho chegou-se à conclusão que, no filme, nós sairíamos do litoral (do ponto de vista histórico) e entraríamos no sertão através da história, sob a ótica da classe dominante, dos senhores de engenho, que foram os conquistadores do sertão através da criação de gado. E voltaríamos ao litoral com os oprimidos, com os expulsos da terra".

## Fala o nordestino

Em estilo de reportagem, *A Terra Queima* apoia-se na fala do entrevistado. "Subitamente - diz Geraldo - eu descobri que o nordestino está falando. Essa fala foi o que mais me impressionou. No processo de realização eu descobri que o que tem de ser documentado é essa fala. E, no máximo o diálogo: provocar o agricultor, o vaqueiro, para falarem de suas realidades". Herbert de Souza analisa o papel de sua geração:

"Em muitos da nossa geração ocorreu uma mudança na nossa relação com a realidade, na nossa relação com a sociedade. Eu diria que no passado nós acreditávamos que conhecíamos essa realidade e que nós tínhamos uma grande mensagem a dirigir a essa sociedade e ao mundo. A fala estava conosco, nós é que falávamos. A geração de 60 foi uma geração que falou. Por exemplo, os partidos de esquerda, que depois se desenvolveram nos anos 70, nasceram nos anos 60 e eram partidos que queriam falar para a sociedade. Não só falar, como transformar, fazer a revolução. Os anos 60 são marcados pela frase "fazer a revolução". A nossa geração era tocada pela onipotência e, de alguma maneira, tocada pelo autoritarismo. E isso estava na fala. Tínhamos um discurso, que era um discurso nosso para a sociedade. Toda a força do CPC, do Cinema Novo, era, na realidade, que esta mudança referida pelo Geraldo - tanto dele quanto minha - é que nós resolvemos escutar o que essa sociedade tinha a nos dizer sobre ela mesmo e sobre seu futuro. Talvez tenhamos descoberto que um dos nossos grandes papéis como intelectuais é escutar o que essa sociedade tem a falar para a história. Então é, de fato, você assumir um papel subordinado e não um papel dominante na relação com a sociedade dominada que é talvez uma das grandes questões da democracia em nossos dias. Hoje, quando o Geraldo Sarno chega com a câmera e o gravador para escutar as pessoas falarem ele tem uma postura muito mais democrática do que a postura do passado. Antigamente nós não dávamos o microfone para as pessoas falarem. Nós falávamos através do microfone para as pessoas. Acho que existe uma questão democrática que está aí direta e indiretamente - e simbólica e realmente - passando por essa produção. Não é à toa que hoje o Geraldo está fazendo esse tipo de filme, onde ele escuta (ele fala através do filme, mas o entrevistado é que está falando, a sociedade é que está falando), e que eu, por exemplo, esteja num instituto que tem como tarefa repassar para a sociedade dados e informações, mas que não está organizado para fazer um discurso para a sociedade. Acho que af há algo muito importante: a descoberta de que um projeto democrático de sociedade tem que primeiro escutar a sociedade, e, através da escuta, falar com ela, e não ao contrário".

Geraldo Sarno prossegue comparando *A Terra Queima* com seus filmes anteriores: "Eu sempre tinha uma expectativa de resposta. Eu sempre esperava, de alguma manei-

ra, que o resultado daquela entrevista preenchesse um certo esquema prévio que eu tinha da realidade. Em *A Terra Queima* eu não sabia onde as entrevistas iam parar, onde iam dar. A voz, o discurso, a direção das entrevistas estavam com eles. Numa das entrevistas mais longas, feita nas frentes de trabalho, percebe-se no plano (que eu não cortei) que eu comecei a entrevista com outro agricultor, o chefe da turma. De repente, um outro agricultor, que estava no fundo do quadro, interfere na entrevista, avançando e tomando o primeiro plano. Ele escolhe ser filmado e entrevistado. Ele estava no fundo ouvindo a entrevista dada pelo primeiro agricultor e faz uma observação: ele não gostou da maneira como o outro estava respondendo. Então ele se aproxima e toma o primeiro plano e começa a responder a uma pergunta que inicialmente não foi feita para ele. E o diálogo então se desenvolve com ele. Eu não o procurei, foi ele quem me procurou. E resulta, inclusive, na entrevista mais longa do filme, e talvez a mais significativa. Ele não só toma como conduz a entrevista inteiramente, e o meu papel realmente é um papel secundário, é um papel subordinado, é um papel de quem escuta, de quem está sabendo escutar. Ele sente ali alguém que o está ouvindo, que está buscando compreendê-lo".

## A organização

*A Terra Queima* mostra a organização dos pequenos lavradores nordestinos, ressaltando a união, a solidariedade, o trabalho em conjunto e o papel das comunidades de base. Registra a primeira concentração de lavradores nos últimos 20 anos ocorrida em Afogados de Ingazeira (PE), em fevereiro de 1984, convocada pela Federação e pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, à qual compareceram lavradores e representantes sindicais de todo o sertão pernambucano. Os lavradores reivindicaram "salários justos para os trabalhadores das frentes de emergência", afirmando não "quererem estmolas". Uma agricultora declarou que "a maior doença é a fome".

O texto do filme lembra que, no Nordeste, de cada 1 000 crianças nascidas vivas, 340 morrem antes de completar um ano. O pungente solo de uma cantiga de ninar introduz as imagens dolorosas do enterro de uma criança, que provavelmente morreu de fome. O drama é sublinhado pelos versos do poema *Das das Festas da Morte*, de João Cabral de Melo Neto: "Piqueniques infantis que dá a morte: / os enterros de crianças no Nordeste: (...) / Festa meio excursão meio piquenique, / ao ar livre, boa para dia sem classe, / nela, as crianças brincam de boneca, / e aliás, com uma boneca de verdade".

## A reforma agrária

Herbert de Souza diz que no Nordeste não existe problema de seca: "O que existe é problema de terra, de distribuição de terra. Acho

que o Projeto Nordeste é um projeto proposto, elaborado e imposto ao Governo brasileiro pelo Banco Mundial, como atos foram todos os projetos recentes relacionados com a questão da terra no Brasil (Polo Nordeste, Polo Amazônia etc), e querem única e exclusivamente criar no campo brasileiro uma classe média. Este é o objetivo específico do Projeto Nordeste: tornar viável e sustentável o capitalismo no campo. Esse é o projeto do Banco Mundial. Esse é um projeto com o qual eu posso até discutir, porque é diferente da velha oligarquia que não quer nem classe média no campo. O problema do Nordeste é a redistribuição das terras e das águas (que estão monopolizadas quanto as terras) e democratizar o acesso à terra e à produção. Então, se alguém quer realmente resolver o problema do Nordeste, tem que primeiro descobrir que não há problema de seca, mas de terra; em segundo lugar deve fazer a reforma agrária no Nordeste e no Brasil; e terceiro, descobrir que isso é absolutamente factível desde que haja decisão política de fazer. É mais: isso corresponde inclusive aos interesses básicos do capitalismo no Brasil. Hoje eu estou convencido de que se houver um capitalista inteligente no Brasil e se ele quiser prolongar o capitalismo por mais 50 anos ele promoverá a reforma agrária. Se analisarmos as experiências históricas dos países capitalistas, veremos que corresponde aos interesses do próprio desenvolvimento do capitalismo equacionar a questão da terra, liquidar o monopólio da terra, porque o monopólio da terra é incompatível com o desenvolvimento do capitalismo liberal. E, no caso do Brasil, ele casa com a aspiração do liberalismo, casa com as aspirações do desenvolvimento econômico-social e casa com o desenvolvimento de um projeto democrático da sociedade brasileira. Eu tenho a impressão de que esse Governo liberal que começa a querer se implantar no Brasil foi sensível a isso. Se consultarmos as forças dominantes no Brasil, nenhuma é contra a reforma agrária. Nos anos 60 as classes dominantes eram todas contra a reforma agrária".

"No Nordeste - diz Geraldo Sarno - a questão da terra é mais crucial, pois ali existe a ultra-concentração, num processo ascendente e

contínuo. Esse período de seca de cinco anos resultou numa concentração fenomenal. E onde é mais trágica. Os problemas sociais e humanos se apresentam de uma maneira nua e crua. O sofrimento, a miséria, a fome e a morte surgem de forma brutal. No Nordeste a humanidade brasileira está exposta em carne viva. E o espantoso é que essa trágica situação não é colocada a nível nacional em sua face verdadeira. Há séculos o problema nordestino não é enfrentado verdadeiramente".

## Genocídio

Considerando o Projeto Nordeste (criado pela Rede Globo de Televisão) como "uma maquiagem", Herbert de Souza define as frentes de emergência como um programa consciente e organizado de genocídio. "Pega-se pessoas que estão morrendo de fome e dá-se a elas a importância de Cr\$ 15 300 para morrerem de fome, e não para viverem. Se fosse para elas viverem dariam, pelo menos, um salário mínimo. No entanto, eles dão apenas um terço do salário mínimo regional para um trabalhador alimentar uma família com cinco pessoas. Isso é uma situação de morte programada através do salário. E o Regime Militar ignorou o dispositivo constitucional que diz ser ilegal alguém pagar menos do que o salário mínimo. Pegaram pessoas morrendo de fome e obrigaram-nas a trabalhar sem comer. Há também a corrupção: pessoas jogavam no *over-night* e no *open* com o dinheiro das frentes de trabalho, pois em várias delas as pessoas recebiam com 15 a 20 dias de atraso. Para mim não há dúvidas de que aquilo foi um ato de genocídio praticado pelo Governo Federal. E numa escala absolutamente espetacular, porque no ano de 1983 eles alistaram 2 600 000 pessoas pagando esse salário. Se analisarmos os recursos pagos nas frentes de trabalho para os grandes proprietários encontraremos milhões de dólares". Herbert de Souza conclui: "Temos aí um processo de genocídio consciente, programado e cujos responsáveis são conhecidos. Os responsáveis perante a nação, perante a História, e que nós haveremos algum dia de cobrar e levar a julgamento são: João Figueiredo, Delfim Netto e Ernane Galvães".

**E**xatamente 20 anos depois de *Viramundo* (1964), o cineasta Geraldo Sarno realizou *A Terra Queima*, documentário de 55 minutos sobre a questão da terra, a seca e a fome no Nordeste, e que acaba de ganhar (junto com *O Evangelho Segundo Teotônio*, de Vladimir Carvalho) o prêmio Margarina de Prata da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

O filme surgiu a partir de um contato de Herbert José de Souza, o Betinho (autor do argumento junto com Geraldo Sarno) com o Departamento de Cinema da ONU, que tinha um projeto intitulado "Pequeno Projeto - Agenda 2". Esse projeto previa a realização de 10 filmes que seriam feitos por cineastas, de países representantes do Sul (Malásia, Antigua, Sri Lanka, Índia, Nepal, Bangladesh, Senegal, Tunísia, Equador, Brasil) e canais de televisão representantes do Norte (Suécia, Japão, Finlândia, República Federal Alemã, Itália, França, Nova Zelândia, Austrália). Os filmes enfocariam a realidade dos países subdesenvolvidos, utilizando diretores e técnicos dos próprios países a serem documentados. Depois de participar, em 1982, de um seminário no México, onde foram discutidas as linhas gerais dessas produções, Herbert de Souza - ex-integrante da UNE-Volante e atualmente diretor do Ibase (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas) - propôs a Geraldo Sarno a realização do filme a ser feito no Brasil.

"Ao conversar com ele - conta Herbert de Souza - nós já estávamos diante de uma situação que se destacava na época: a questão da terra. Ao se colocar essa questão surgem dois elementos: a dramaticidade do problema da terra no Nordeste na época da seca e o fato de Geraldo Sarno ser um cineasta da Bahia. Ele realizou muitos documentários sobre o Nordeste. Esses dois fatores combinados levaram-nos a situar o filme no Nordeste". Geraldo Sarno diz que o projeto "ficou mais de um ano amadurecendo, sendo discutido. Até que num determinado momento constatamos que esse problema estava se apresentando de maneira dramática, trágica, no Nordeste".

### Nova visão

Filmado nos meses de janeiro, fevereiro e março de 1984, entre o interior baiano e Fortaleza, *A Terra Queima* é uma produção da Saruê Filmes (produtora de Geraldo Sarno) para a Sociedade Rádio Canadá. A narração é de Francisco Milani, fotografia de Pedro Farkas e José Antônio Ventura, o som direto de Carlos Del Pino e Dudu Ferreira e a montagem de Walter Goulart e Severino Dadá. O filme será distribuído mundialmente pela ONU. No Brasil, estão previstas diversas exposições, principalmente para as comunidades de base do Nordeste.

Após uma introdução histórica sobre a colonização do Nordeste, *A Terra Queima* refere-se à terrível se-

ca ocorrida entre os anos de 1979 a 1980, período em que "o calor do sol, a falta d'água e a luta pela propriedade fez arder a terra e os sentimentos dos homens". Documentando a realidade nordestina há mais de 20 anos (*Dramática Popular*, *Vitalino/Lampião*, *Jornal do Sertão*, *O Engenho*, *Casa de Fariinha*, *Viva Cariri*, *Segunda-feira*, além de *Coronel Delmiro Gouveia*, misto de ficção e documentário), Geraldo Sarno afirma que ele e os habitantes da região mudaram: "Em meus filmes anteriores eu procurei documentar o passado do Nordeste, uma cultura popular que estava ou está num processo de transformação ou de extinção. *A Terra Queima* documenta a atualidade. Acho que o Nordeste mudou muito. Essa minha nova visão talvez seja fruto de outra perspectiva, eu estou buscando outras coisas. O nordestino que está sendo documentado nesse filme não é o mesmo que está ligado a uma tradição popular. Há uma certa diferença. Enquanto naqueles filmes eu estava buscando sobretudo o cantador popular, o gravador popular, neste estou documentando vaqueiros e agricultores que atravessam um processo de compreensão de sua realidade, discutindo mais concretamente isso, vivendo numa solidariedade maior entre eles. A documentação do trabalho sindical, as organizações sindicais - eu nunca havia documentado isso. E também na organização indígena da luta pela terra, representada pelos índios Pankararés, que eu considero um documentário dentro do documentário. A perspectiva é outra. Acho que o Nordeste mudou, neste sentido, para mim. Do ponto de vista social e econômico não podemos detectar uma mudança para melhor, mas eu acho que a disposição de luta, a mentalidade de resistência não estão vencidas, até aumentaram. Eu mudei, a minha visão também mudou, eu me transformei - antes, durante e depois da realização do filme".

A construção de *A Terra Queima* está estruturada do litoral para o sertão, terminando com o retorno ao litoral. Geraldo Sarno explica: "Nas discussões entre eu e o Betinho chegou-se à conclusão que, no filme, nós sairíamos do litoral (do ponto de vista histórico) e entraríamos no sertão através da história, sob a ótica da classe dominante, dos senhores de engenho, que foram os conquistadores do sertão através da criação de gado. E voltaríamos ao litoral com os oprimidos, com os expulsos da terra".

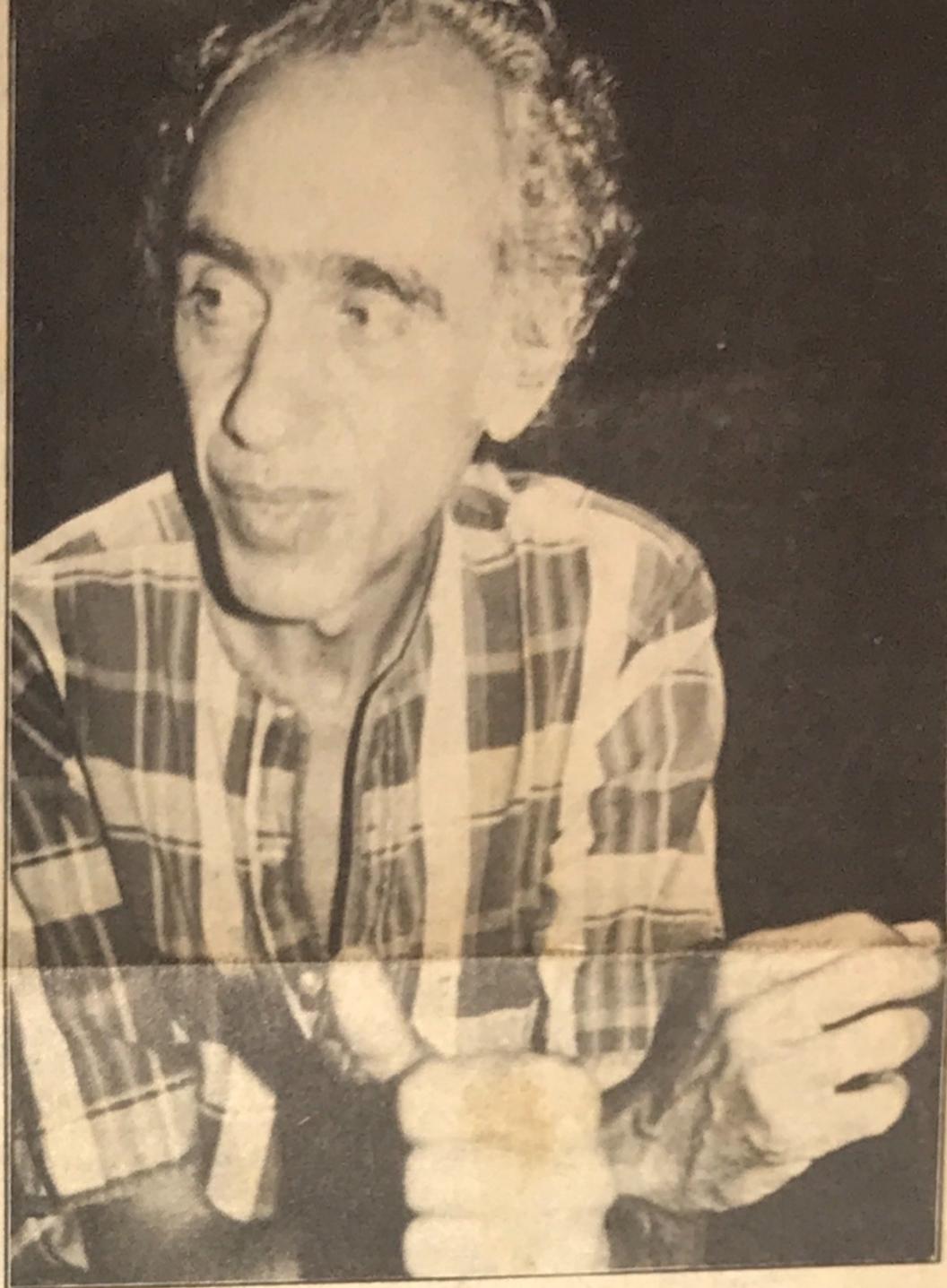
### Fala o nordestino

Em estilo de reportagem, *A Terra Queima* apoia-se na fala do entrevistado. "Subitamente - diz Geraldo - eu descobri que o nordestino está falando. Essa fala foi o que mais me impressionou. No processo de realização eu descobri que o que tem de ser documentado é essa fala. E, no máximo o diálogo: provocar o agricultor, o vaqueiro, para falarem de suas realidades". Herbert de Souza analisa o papel de sua geração:

"Em muitos da nossa geração ocorreu uma mudança na nossa relação com a realidade, na nossa relação com a sociedade. Eu diria que no passado nós acreditávamos que conhecíamos essa realidade e que nós tínhamos uma grande mensagem a dirigir a essa sociedade e ao mundo. A fala estava conosco, nós é que falávamos. A geração de 60 foi uma geração que falou. Por exemplo, os partidos de esquerda, que depois se desenvolveram nos anos 70, nasceram nos anos 60 e eram partidos que queriam falar para a sociedade. Não só falar, como transformar, fazer a revolução. Os anos 60 são marcados pela frase "fazer a revolução". A nossa geração era tocada pela onipotência e, de alguma maneira, tocada pelo autoritarismo. E isso estava na fala. Tínhamos um discurso, que era um discurso nosso para a sociedade. Toda a força do CPC, do Cinema Novo, era, na realidade, a metade - o fato de que estávamos expressando uma realidade que nos sintonizávamos com ela. Mas a outra metade era o fato de que nós nos sentíamos em condições de falar por ela. Oduvaldo Vianna Filho falou pela sociedade de classe média. Ferreira Gullar, Glauber Rocha, Arnaldo Jabour e outros falaram. A Ação Popular, a Polop foi uma geração que falou pela sociedade. Eu tenho a impressão que esta mudança referida pelo Geraldo - tanto dele quanto minha - é que nós resolvemos escutar o que essa sociedade tinha a nos dizer sobre ela mesmo e sobre seu futuro. Talvez tenhamos descoberto que um dos nossos grandes papéis como intelectuais é escutar o que essa sociedade tem a falar para a história. Então é, de fato, você assumir um papel subordinado e não um papel dominante na relação com a sociedade dominada que é talvez uma das grandes questões da democracia em nossos dias. Hoje, quando o Geraldo Sarno chega com a câmera e o gravador para escutar as pessoas falarem ele tem uma postura muito mais democrática do que a postura do passado. Antigamente nós não dávamos o microfone para as pessoas falarem. Nós falávamos através do microfone para as pessoas. Acho que existe uma questão democrática que está aí direta e indiretamente - e simbólica e realmente - passando por essa produção. Não é à toa que hoje o Geraldo está fazendo esse tipo de filme, onde ele escuta (ele fala através do filme, mas o entrevistado é que está falando, a sociedade é que está falando), e que eu, por exemplo, esteja num instituto que tem como tarefa repassar para a sociedade dados e informações, mas que não está organizado para fazer um discurso para a sociedade. Acho que aí há algo muito importante: a descoberta de que um projeto democrático de sociedade tem que primeiro escutar a sociedade, e, através da escuta, falar com ela, e não ao contrário".

Geraldo Sarno prossegue comparando *A Terra Queima* com seus filmes anteriores: "Eu sempre tinha uma expectativa de resposta. Eu sempre esperava, de alguma manei-

"A Terra Queima", documentário de 55 minutos, acaba de ganhar o Prêmio Margarida de Prata, da CNBB, junto com "O Evangelho Segundo Teotônio". Dirigido por Geraldo Sarno, que aparece ao lado e em plena filmagem, tomando o depoimento de lavradores, um dos quais acabou conduzindo a entrevista, colocando o cineasta em plano secundário, o filme mostra que na seca de 1979/80 o calor do sol, a falta d'água e a luta pela propriedade fizeram arder a terra e os sentimentos dos homens. Foi Herbert de Souza (foto a direita), roteirista, quem propôs a Geraldo Sarno a realização do filme, que vai ser distribuído ao mundo pela PNU.



ra, que o resultado daquela entrevista preenchesse um certo esquema prévio que eu tinha da realidade. Em *A Terra Queima* eu não sabia onde as entrevistas iriam parar, onde iriam dar. A voz, o discurso, a direção das entrevistas estavam com eles. Numa das entrevistas mais longas, feita nas frentes de trabalho, percebe-se no plano (que eu não cortei) que eu começo a entrevista com outro agricultor, o chefe da turma. De repente, um outro agricultor, que estava no fundo do quadro, interfere na entrevista, avançando e tomando o primeiro plano. Ele escolhe ser filmado e entrevistado. Ele estava no fundo ouvindo a entrevista dada pelo primeiro agricultor e faz uma observação: ele não gostou da maneira como o outro estava respondendo. Então ele se aproxima e toma o primeiro plano e começa a responder a uma pergunta que inicialmente não foi feita para ele. E o diálogo então se desenvolve com ele. Eu não o procurei, foi ele quem me procurou. E resulta, inclusive, na entrevista mais longa do filme, e talvez a mais significativa. Ele não só toma como conduz a entrevista inteiramente, e o meu papel realmente é um papel secundário, é um papel subordinado, é um papel de quem escuta, de quem está sabendo escutar. Ele sente ali alguém que o está ouvindo, que está buscando compreendê-lo".

### A organização

*A Terra Queima* mostra a organização dos pequenos lavradores nordestinos, ressaltando a união, a solidariedade, o trabalho em mutirão e o papel das comunidades de base. Registra a primeira concentração de lavradores nos últimos 20 anos ocorrida em Afogados de Ingazeira (PE), em fevereiro de 1984, convocada pela Federação e pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, à qual, compareceram lavradores e representantes sindicais de todo o sertão pernambucano. Os lavradores reivindicaram "salários justos para os trabalhadores das frentes de emergência", afirmando não "quererem esmolas". Uma agricultora declara que "a maior doença é a fome".

O texto do filme lembra que, no Nordeste, de cada 1 000 crianças nascidas vivas, 340 morrem antes de completar um ano. O pungente solo de uma cantiga de ninar introduz as imagens dolorosas do enterro de uma criança, que provavelmente morreu de fome. O drama é sublinhado pelos versos do poema *Duas das Festas da Morte*, de João Cabral de Melo Neto: "Piqueniques infantis que dá a morte: / os enterros de crianças no Nordeste: (...) / Festa meio excursão meio piquenique, / ao ar livre, boa para dia sem classe; / nela, as crianças brincam de boneca, / e aliás, com uma boneca de verdade".

### A reforma agrária

Herbert de Souza diz que no Nordeste não existe problema de seca: "O que existe é problema de terra, de distribuição de terra. Acho

que o Projeto Nordeste é um projeto proposto, elaborado e imposto ao Governo brasileiro pelo Banco Mundial, como aliás foram todos os projetos recentes relacionados com a questão da terra no Brasil (Polo Nordeste, Polo Amazônia etc), e querem única e exclusivamente criar no campo brasileiro uma classe média. Este é o objetivo específico do Projeto Nordeste: tornar viável e sustentável o capitalismo no campo. Esse é o projeto do Banco Mundial. Esse é um projeto com o qual eu posso até discutir, porque é diferente da velha oligarquia que não quer nem classe média no campo. O problema do Nordeste é a redistribuição das terras e das águas (que estão tão monopolizadas quanto as terras) e democratizar o acesso à terra e à produção. Então, se alguém quer realmente resolver o problema do Nordeste, tem que primeiro descobrir que não há problema de seca, mas de terra; em segundo lugar deve fazer a reforma agrária no Nordeste e no Brasil; e terceiro, descobrir que isso é absolutamente factível desde que haja decisão política de fazer. É mais: isso corresponde inclusive aos interesses básicos do capitalismo no Brasil. Hoje eu estou convencido de que se houver um capitalista inteligente no Brasil e se ele quiser prolongar o capitalismo por mais 50 anos ele promoverá a reforma agrária. Se analisarmos as experiências históricas dos países capitalistas, veremos que corresponde aos interesses do próprio desenvolvimento do capitalismo equacionar a questão da terra, liquidar o monopólio da terra, porque o monopólio da terra é incompatível com o desenvolvimento do capitalismo liberal. E, no caso do Brasil, ele casa com a aspiração do liberalismo, casa com as aspirações do desenvolvimento econômico-social e casa com o desenvolvimento de um projeto democrático da sociedade brasileira. Eu tenho a impressão de que esse Governo liberal que começa a querer se implantar no Brasil foi sensível a isso. Se consultarmos as forças dominantes no Brasil, nenhuma é contra a reforma agrária. Nos anos 60 as classes dominantes eram todas contra a reforma agrária".

"No Nordeste — diz Geraldo Sarno — a questão da terra é mais crucial, pois ali existe a ultra-concentração, num processo ascendente e

contínuo. Esse período de seca de cinco anos resultou numa concentração fenomenal. E onde é mais trágica. Os problemas sociais e humanos se apresentam de uma maneira nua e crua. O sofrimento, a miséria, a fome e a morte surgem de forma brutal. No Nordeste a humanidade brasileira está exposta em carne viva. E o espantoso é que essa trágica situação não é colocada a nível nacional em sua face verdadeira. Há séculos o problema nordestino não é enfrentado verdadeiramente".

### Genocídio

Considerando o Projeto Nordestino (criado pela Rede Globo de Televisão) como "uma maquiagem", Herbert de Souza define as frentes de emergência como um programa consciente e organizado de genocídio. "Pega-se pessoas que estão morrendo de fome e dá-se a elas a importância de Cr\$ 15 300 para morrerem de fome, e não para viverem. Se fosse para elas viverem dariam, pelo menos, um salário mínimo. No entanto, eles dão apenas um terço do salário mínimo regional para um trabalhador alimentar uma família com cinco pessoas. Isso é uma situação de morte programada através do salário. E o Regime Militar ignorou o dispositivo constitucional que diz ser ilegal alguém pagar menos do que o salário mínimo. Pegaram pessoas morrendo de fome e obrigaram-nas a trabalhar sem comer. Há também a corrupção: pessoas jogavam no *over-night* e no *open* com o dinheiro das frentes de trabalho, pois em várias delas as pessoas recebiam com 15 a 20 dias de atraso. Para mim não há dúvidas de que aquilo foi um ato de genocídio praticado pelo Governo Federal. E numa escala absolutamente espetacular, porque no ano de 1983 eles alistaram 2 600 000 pessoas pagando esse salário. Se analisarmos os recursos pagos nas frentes de trabalho para os grandes proprietários encontraremos milhões de dólares". Herbert de Souza conclui: "Temos aí um processo de genocídio consciente, programado e cujos responsáveis são conhecidos. Os responsáveis perante a nação, perante a História, e que nós haveremos algum dia de cobrar e levar a julgamento são: João Figueiredo, Delfim Netto e Ernane Galvêas.